

O Médico M3dium

ANTHONY WILLIAM

O Médico Médiun

*Segredos da cura de doenças crónicas
e misteriosas*

Prefácio de:
Dr. Alejandro Junger

Tradução de:
Maria Augusta Júdice

Pergaminho

CAPÍTULO 1

Origens do Médico Médium

Neste livro, revelo verdades que não irá ler em mais parte nenhuma. Não as ouvirá do seu médico, não as lerá noutras obras, nem as encontrará na Internet.

São segredos que ainda não vieram à superfície e que estou a trazer à luz pela primeira vez.

Não sou médico. Não tenho formação em medicina. Porém, consigo dizer-lhe coisas acerca da sua saúde que mais ninguém consegue. Posso transmitir-lhe esclarecimentos sobre doenças crónicas e misteriosas que os médicos muitas vezes diagnosticam mal, tratam incorretamente ou classificam de uma certa maneira, embora não compreendam verdadeiramente a causa dos sintomas.

Desde muito novo, tenho ajudado pessoas a curarem-se com as tomadas de consciência que irei partilhar. Agora, é a sua vez de aprender esses segredos.

Foi assim que o Espírito me disse que devia ser.

Um hóspede inesperado

A minha história começa aos quatro anos.

Ao acordar, num domingo de manhã, ouço um ancião a falar.

A voz dele soa mesmo ao meu ouvido direito. É muito nítida.

Ele diz:

– Eu sou o Espírito do Altíssimo. Não há outro espírito acima de mim além de Deus.

Sinto-me confuso e alarmado. Haverá mais alguém no meu quarto? Abro os olhos e olho em volta, mas não vejo ninguém. *Talvez esteja alguém a falar ou haja um rádio a tocar lá fora,* penso.

Levanto-me e dirijo-me para a janela. Não há ninguém – é de manhã cedo. Não faço a menor ideia do que se passa, e não sei se quero saber.

Desço as escadas a correr, para ir ter com o meu pai e me sentir seguro. Não digo nada acerca da voz. Porém, à medida que o dia vai passando, começa a surgir uma sensação – a sensação de estar a ser observado.

Ao fim do dia, sento-me na minha cadeira à mesa do jantar. Junto de mim estão os meus pais, os meus avós e mais alguns familiares.

Enquanto estamos a comer, de repente vejo um homem estranho, de pé, por trás da minha avó. Tem os cabelos e a barba grisalhos, e usa vestes castanhas. Parto do princípio que se trata de um familiar que veio jantar connosco. Contudo, em vez de se sentar connosco, continua ali parado por trás da minha avó... e limita-se a olhar para mim.

Como nenhum membro da minha família reage à sua presença, vou-me apercebendo de que sou a única pessoa a vê-lo. Afasto o olhar, para ver se ele desaparece. Quando volto a fitá-lo, ele continua ali a olhar para mim. A sua boca não se move, mas ouço a sua voz perto do meu ouvido direito. É a mesma voz que ouvi ao acordar. Desta vez, ele diz, num tom tranquilizador:

– Estou aqui por tua causa.

Paro de comer.

– O que se passa? – pergunta a minha mãe. – Não tens fome?

Não respondo, e limito-me a fitar o homem, que ergue o braço direito e me acena, indicando-me para ir até ao pé da minha avó.

Sentindo um inegável instinto para seguir a indicação dele, levanto-me da cadeira e aproximo-me dela.

Ele pega-me na mão e coloca-a no peito da minha avó enquanto ela está a comer.

A Avó recua, assustada.

– O que estás a fazer? – pergunta.

O homem grisalho olha para mim.

– Diz «cancro do pulmão».

Não sei o que fazer. Nem sequer sei o que significa *cancro do pulmão*.

Tento dizê-lo, mas sai apenas um murmúrio.

– Diz outra vez – incita-me ele. – Diz «cancro».

– Cancro – afirmo.

– Do pulmão.

– Do pulmão – afirmo.

Toda a minha família está agora de olhos postos em mim.

Continuo focado no homem grisalho.

– Agora diz: «A Avó tem cancro do pulmão.»

– A Avó tem cancro do pulmão.

Ouçó um garfo cair sobre a mesa.

O homem grisalho retira a minha mão da Avó e poussa-a suavemente na minha lateral. Depois, vira costas e começa a subir uns degraus que não existiam anteriormente.

Volta-se para trás e diz:

– Estarás sempre a ouvir-me, mas é possível que nunca mais voltes a ver-me. Não te preocupes. – E continua a subir as escadas atravessando o teto da minha casa e desaparecendo *de vez*.

A minha avó olha para mim.

– Acabas de dizer o que eu penso que acabaste de dizer?

O pânico instala-se à mesa. O que acaba de acontecer não faz sentido por diversas razões – a começar pelo facto de, tanto quanto sabemos, a Avó estar bem. Ela não se deu conta de quaisquer problemas, nem tem ido ao médico.

Na manhã seguinte, acordo... e volto a ouvir a mesma voz:

– Eu sou o Espírito do Altíssimo. Não há outro espírito acima de mim além de Deus.

Tal como na manhã anterior, olho em volta mas não vejo ninguém.

A partir desse dia, acontece o mesmo todas as manhãs, sem exceção.

Entretanto, a minha avó fica abalada pelo que eu lhe disse. Embora se sinta bem, marca uma consulta para fazer um *check-up* geral.

Poucas semanas mais tarde, ela vai à consulta com o seu médico – e uma radiografia revela que sofre de cancro do pulmão.

A voz

À medida que a estranha visita continua a cumprimentar-me todas as manhãs, começo a prestar atenção à sua voz.

A sua voz cristalina é algures entre o barítono e o tenor – um pouco grave, mas não *muito* grave. Tem profundidade e ressonância. Embora se encontre próxima do meu ouvido direito, o seu discurso tem o efeito estéreo do som envolvente.

É difícil avaliar a sua idade. Uma vez, parece um homem de 80 anos excecionalmente forte e saudável, como o homem grisalho que vi ao jantar. Outras vezes, parece ter milhares de anos de idade.

Pode dizer-se que tem um tom acalentador. Porém, não consigo habituar-me à sua presença.

Outros médiuns, às vezes, ouvem vozes interiores, mas a minha não é interior. É uma voz que provém diretamente do exterior do meu ouvido direito, como se tivesse alguém a meu lado. Não consigo que se desvança.

Consigo bloqueá-la fisicamente. Quando ponho a mão diante do ouvido, consigo fazer a voz ficar muito baixa. Assim que afasto a mão, o volume regressa ao normal.

Peço-lhe que pare de falar comigo. Começo por ser delicado. Depois, deixo de o ser.

Contudo, pouco importa o que eu diga. Ele fala sempre que quer.

O Espírito do Altíssimo

Começo a chamar a voz pelo nome, Espírito do Altíssimo. Por vezes, chamo-lhe *Espírito*, para abreviar, ou *Altíssimo*.

Aos oito anos, ouço continuamente o Espírito ao longo do dia. Ele fala-me da saúde física de qualquer pessoa com quem me cruze.

Onde quer que me encontre, ou seja o que for que eu esteja a fazer, ouço falar do mal-estar, das dores e doenças das pessoas que me rodeiam e também do que precisam para melhorar. A inexorabilidade desta informação constante e íntima é imensamente stressante.

Peço ao Espírito para deixar de me dizer essas coisas que não me interessa saber.

Ele diz que está a tentar ensinar-me o máximo possível, e que não podemos perder um instante que seja. Quando lhe digo que é uma exigência demasiado grande, ignora-me.

Fico a saber, porém, que *posso* envolver-me num certo diálogo com ele. Quando tenho idade suficiente para fazer algumas perguntas fundamentais, indago:

– Quem és? O *que* és? De onde vens? E porque estás aqui?

O Espírito responde:

– Primeiro, dir-te-ei o que não sou.

»Não sou um anjo. E não sou uma pessoa. Nunca fui um ser humano. Também não sou um «guia espiritual».

»Eu sou uma *palavra*.

Pisco rapidamente os olhos, para absorver esta informação. A única coisa que me lembro de perguntar é:

– Que palavra?

O Espírito responde:

– Compaixão.

Não sei bem o que hei de responder. Mas não preciso de o fazer. O Espírito continua a falar.

– Sou literalmente a essência viva da palavra *compaixão*. Encontro-me na ponta dos dedos de Deus.

– Espírito, não compreendo. *Tu* és Deus?
– Não – responde a voz. – Na ponta dos dedos de Deus encontra-se uma palavra, e essa palavra é compaixão. Eu sou essa palavra. Uma palavra viva. A palavra mais próxima de Deus.

Abano a cabeça.

– Como podes ser uma mera palavra?
– Uma palavra é uma fonte de energia. Certas palavras contêm um grande poder. Deus verte luz nas palavras como eu, e incute-lhes o halo da vida. Eu sou *mais* do que uma palavra.

– Há mais alguém como tu? – pergunto.
– Sim: Fé. Esperança. Alegria. Paz. E outras mais. Todas elas são palavras vivas, mas eu estou acima delas todas, porque sou a mais próxima de Deus.

– Essas palavras também falam às pessoas?
– Não como eu te falo. Essas palavras não se escutam ao ouvido. Elas vivem no coração e na alma de cada pessoa. Tal como eu. Palavras como alegria e paz não se encontram sozinhas no coração. Elas precisam da compaixão para serem completas.

– Porque é que a paz não se pode bastar a si própria? – indago. Muitas vezes desde que o Espírito entrou na minha vida, desejei paz e sossego.

– A compaixão é a compreensão do sofrimento – responde o Espírito. – Não há paz, alegria ou esperança enquanto os que sofrem não forem compreendidos. A compaixão é a alma dessas palavras – sem ela, elas são vazias. A compaixão enche-as de verdade, honra e propósito.

»*Eu* sou compaixão. E não existe ninguém acima de mim senão Deus.

Tentando entender o sentido disso, questiono:

– Então, o que é Deus?
– Deus é uma palavra. Deus é *amor*, que está acima de todas as outras palavras. Deus também é *mais* do que uma palavra. Porque Deus ama a todos. Deus é o mais poderoso manancial da existência.

»As pessoas podem amar. Mas as pessoas não amam todos os outros incondicionalmente. Deus, sim.

Aquilo é demasiado para eu conseguir processar. Termino a conversa com uma pergunta pessoal:

– Falas com mais alguém? – *Porque se o fizeres, penso, vou procurar essas pessoas, para não ter de me sentir tão só.*

– Os anjos e outros seres procuram a minha orientação. Provejo todos os que queiram escutar as lições e a sabedoria de Deus – diz o Espírito. – Mas, na Terra, apenas falo diretamente contigo.

Eu e a minha sombra

Como o leitor pode imaginar, isto é demasiado para absorver aos oito anos de idade.

Há outros médiuns a quem aconteceram coisas chocantes em tenra idade. Nenhuma das suas experiências se compara com a minha.

Poder ouvir nitidamente a voz espiritual a todo o momento, e envolver-se livremente em conversa com ela, é algo de extraordinário, inclusivamente, entre os médiuns. Ainda mais invulgar é essa voz falar do lado de fora do meu ouvido, constituindo, assim, uma fonte separada dos meus pensamentos. É essencialmente ter alguém a seguir-me para todo o lado – alguém que não para de me dizer coisas que não quero verdadeiramente ouvir acerca da saúde de todas as pessoas que me rodeiam.

A vantagem é que recebo informação incrivelmente exata relacionada com a saúde – muito mais do que qualquer outro médium vivo. Além de que sou regularmente informado acerca da *minha* própria saúde, o que é muito raro. Mesmo os mais célebres médiuns da história, habitualmente não conseguiam interpretar as suas próprias doenças.

Também recebo tomadas de consciência sobre a saúde que estão a décadas de avanço do conhecimento científico.

Uma grande desvantagem é que não tenho privacidade. Aos oito anos, passo uma semana a construir um dique num riacho

perto de minha casa. O Espírito diz-me que é má ideia, que irá alagar o relvado do vizinho.

– Vai correr bem – insisto.

Até que surge um revés, a água do rio sobe – e inunda o relvado do vizinho. Enquanto o homem da casa está a gritar comigo, ouço ao ouvido:

– Eu disse-te. Não quiseste dar-me ouvidos. – É evidente que isto ainda piora as coisas.

O Espírito está constantemente a vigiar cada um dos meus passos e a dizer-me o que devo ou não fazer. Isso torna quase impossível a alguém ter uma infância normal. No mesmo ano em que construí o dique, fiquei a conhecer pormenorizadamente a saúde física e emocional da minha melhor amiga, a rapariguinha por quem tinha uma paixoneta, e até a da minha professora, que se debatia com um péssimo relacionamento com o namorado. Estas leituras pormenorizadas são agonizantes.

Não sendo alguém que ofereça um consolo vão, o Espírito avisa-me para esperar o pior.

– Os teus maiores desafios ainda estão para vir.

– O que queres dizer com isso? – pergunto.

– Só uma ou duas pessoas por século recebem este dom – afirma. – Não se trata de uma capacidade intuitiva ou psíquica típica. É algo a que a maioria não consegue sobreviver. Irás achar quase insuportável não conseguires viver como uma pessoa normal, para não dizer como um adolescente normal.

»Por fim, acabarás por ver pouco mais que o sofrimento dos outros. Terás de encontrar maneira de te sentir à vontade com isso. Caso contrário, é possível que ponhas termo à tua vida.

«Ler» corpos

O Espírito torna-se simultaneamente o meu amigo e o meu albatroz. Agradeço que ele me esteja a formar para uma tarefa

para a qual os poderes superiores me escolheram. Mesmo assim, o stresse a que ele me sujeita é extraordinário.

Um dia, diz-me que vá até um belo e grande cemitério perto de minha casa.

– Quero que te coloques sobre aquela campa – afirma –, e percebas como a pessoa morreu.

Trata-se de um pedido extraordinário para se fazer a uma criança de oito anos.

Nessa altura, porém, já fui tão bombardeado com informações sobre a saúde quer de amigos, quer de estranhos, que tento encarar aquilo como apenas mais um caso.

E, com a ajuda do Espírito, consigo fazer o que ele me pede.

Isso acrescenta mais uma dimensão ao dom: não só o Espírito me informa verbalmente sobre os problemas de saúde de alguém, como me ajuda a visualizar leituras físicas do corpo da pessoa.

Passei anos em diferentes cemitérios a fazer este exercício com centenas de cadáveres. Tornei-me tão bom nisso, que consigo sentir quase de imediato se alguém morreu de ataque cardíaco, acidente vascular cerebral, cancro, doença hepática, acidente de viação, suicídio ou homicídio.

A par disso, o Espírito ensina-me a observar profundamente os corpos dos seres vivos. Promete-me que, uma vez concluída esta formação, conseguirei sondar e «ler» *seja quem for* com extrema exatidão.

Sempre que me sinto cansado ou quero fazer algo mais divertido, o Espírito diz-me:

– Um dia, executarás leituras em pessoas, e elas farão a diferença entre a vida e a morte. Conseguirás dizer se os pulmões da pessoa estão à beira do colapso ou se uma artéria está prestes a bloquear com um coágulo, fazendo parar o coração.

Uma vez, respondi:

– O que é que isso interessa? Qual é a importância disso? Porque é que *eu* haveria de me preocupar?

– *Tens* de te preocupar – respondeu o Espírito. – O que todos nós fazemos aqui na Terra é importante. As tuas boas obras são

importantes para a tua alma. Tens de levar a sério esta responsabilidade.

Autocura

Aos nove anos, enquanto os outros rapazes estão a andar de bicicleta e a jogar basebol, passo o tempo todo a testemunhar a doença nas pessoas à minha volta e a ouvir o Espírito dizer-me o que é preciso para elas melhorarem. Estou a aprender o que os adultos fazem de errado para a sua saúde, e que ações precisas devem tomar para se curarem... mas raramente tomam.

Neste momento, estou tão cheio de conhecimentos e formação relacionados com a saúde que é difícil não começar a aplicá-los.

Apresenta-se uma oportunidade quando eu próprio fico doente. Uma noite, quando estava a comer fora com a minha família, ignoro as recomendações de dieta habituais do Espírito e escolho um prato que me provoca uma intoxicação alimentar. Durante duas semanas, fico na cama sem conseguir aguentar nada no estômago. Os meus pais levam-me ao consultório médico e até às urgências, numa noite em que fico muito mal, mas a febre e a dor nos intestinos não param.

Por fim, o Espírito põe termo ao meu delírio e diz-me que é *E. coli*. Dá-me uma indicação precisa para ir a casa do meu bisavô e apanhar uma caixa de peras da pereira familiar. O Espírito diz que não devo comer mais nada além dessas peras maduras, e que ficarei curado.

Sigo as suas instruções e melhora rapidamente.

Despede-o, Deus

Aos dez anos, tento passar por cima do Espírito e lidar diretamente com o seu chefe.

Imagino que não posso dizer a Deus aquilo que quero através da oração, porque o Espírito irá ouvir-me.

Então, subo às árvores mais altas que consigo encontrar para me aproximar o mais possível de Deus, e gravo mensagens nos seus troncos.

Uma das primeiras mensagens é: «Deus, eu adoro o Espírito, mas já é tempo de acabarmos com o intermediário.»

Esta é seguida por algumas perguntas sinceras:

«Deus, porque é que as pessoas têm de adoecer?»

«Deus, porque é que *tu* não curas toda a gente?»

«Deus, porque é que *eu* é que tenho de ajudar as pessoas?

Embora me pareçam coisas bastante razoáveis de se perguntar, não recebo quaisquer respostas.

Então, descubro árvores ainda mais altas e perigosas, e subo aos ramos mais elevados, na esperança de que a minha temeridade chame a atenção de Deus. Desta vez, gravo pedidos de ação direta.

«Deus, por favor, devolve-me o meu silêncio.»

«Deus, não quero ouvir mais o Espírito. Manda-o embora.»

Ao gravar as palavras «Deus, deixa-me ser livre», desequilibro-me e quase tombo do ramo. *Não é esse tipo de liberdade!*, penso. Já vencido, recupero a pulso a segurança.

Nenhuma destas mensagens faz a menor diferença. O Espírito continua na mesma a falar comigo.

Se tem a noção das minhas tentativas de subverter a sua autoridade, tem a amabilidade de não o referir. O trabalho que tem em mãos é mais importante.

Primeiros clientes

Aos 11 anos de idade, quero fazer algo produtivo e divertido que afaste a minha mente da voz que tenho sempre ao ouvido, e arranjo emprego a carregar tacos num clube de golfe.

Porém, o meu dom não é fácil de abandonar. Enquanto faço de *caddy*, não consigo deixar de falar aos golfistas sobre as suas

doenças. Muitas vezes, sei das suas articulações emperradas, problemas nos joelhos, dores nas ancas, tornozelos magoados, tendinites e muitos outros problemas antes que eles se apercebam disso.

Então, digo: «O seu *swing* está um pouco desfasado, mas isso não é de estranhar, tendo em conta a situação do seu canal cárpico», ou «Seria bom se tratasse a inflamação que tem na anca esquerda.»

Eles olham-me com espanto e perguntam: «Como sabes isso?» A seguir, pedem conselhos acerca de como melhorar, e eu digo-lhes o que comer, que mudanças efetuarem no seu comportamento, terapias a experimentar, e por aí em diante.

Depois de ser *caddy* durante vários anos, apetece-me mudar. Decido que, para recomendar alimentos e suplementos de cura, é melhor trabalhar num lugar que os venda. Então, arranjo emprego num supermercado local.

Os meus clientes aparecem sempre que lhes apetece, e eu aproveito o tempo em que não estou a repor os produtos nas prateleiras para os ajudar. O dono do supermercado não se importa que o meu trabalho para ele seja periodicamente interrompido, porque eu trago novos clientes.

Além de que também é cliente.

É um pouco estranho fazer consultas de saúde no corredor de um supermercado. Além disso, é difícil, porque ainda há muito poucos suplementos disponíveis e a variedade de alimentos é limitada. O Espírito está sempre a explicar que, dentro de duas décadas, as lojas terão muito mais opções disponíveis para a saúde das pessoas. Entretanto, ajuda-me a ser criativo com os planos de saúde – e eu adoro poder recomendar a um cliente exatamente aquilo de que necessita para melhorar.

Um grande poder acarreta uma grande culpa

Aos 14, às vezes sento-me no banco de trás de um autocarro ou comboio, capto algum problema de saúde do sujeito que está

à minha frente e dou-lhe uma palmadinha no ombro para lhe falar do assunto. Uma vez, recebo por resposta gratidão. Outras vezes, reagem acusando-me de invadir a sua privacidade, de roubar os seus registos médicos, ou pior ainda. É demasiada desconfiança e hostilidade para quem quer que seja – em especial, para um rapaz que está a passar pela puberdade.

À medida que vou crescendo, aprendo a ser cuidadoso com quem tento ajudar sem me ser pedido. Se vejo alguém regularmente, ainda me sinto impelido a partilhar o que sei. Por isso, crio o hábito de ler primeiro o estado emocional da pessoa, para decidir se é passível de ser abordada. Isso reduz o número de situações desconfortáveis.

Se se trata de um estranho, em geral guardo para mim o que estou a ver. Isso torna-se um fardo, porém. Em adolescente, começo a sentir-me ainda mais responsável pelos meus atos. Então, se alguém corre o perigo de sofrer de uma doença nos rins ou tem cancro, e não faço nada, uma parte de mim sente-se culpada se a pessoa acabar por ter uma doença grave ou morrer. Multiplicando isto por centenas de vezes por dia, a sensação de culpa e responsabilidade torna-se insuportável.

Tentativas de fuga

À medida que os meus anos de adolescência vão passando, a vida vai-se tornando mais difícil. Por exemplo, a maioria das pessoas vê televisão para se descontraírem, e como escape. Mas quando eu estou a ver televisão, obtenho uma leitura da saúde de todas as pessoas que vejo no ecrã. Averiguo automaticamente o estado de cada pessoa que vejo e precisa de ajuda, quer ela saiba que tem uma doença quer não. Quando isso se repete continuamente, a televisão passa a ser esgotante, em vez de ser uma atividade divertida.

Ainda é pior quando vou ao cinema. Sem o menor controlo sobre o processo, passo o tempo todo a fazer a leitura do estado

de saúde de cada pessoa da fila, da fila à minha frente, da fila de trás, e por aí em diante.

E há mais: faço a leitura da saúde das pessoas *do filme*. Sou capaz de determinar o estado de saúde de cada ator durante o período em que o filme foi feito, bem como o seu estado de saúde no momento atual. Imagine o que é ter ido ao cinema com a namorada e ser bombardeado com informação médica sobre as pessoas à sua volta e no grande ecrã.

Tendo em conta que a última coisa que a maior parte dos adolescentes querem é sentir-se diferentes de toda a gente, este período é particularmente acidentado. Os meus sentimentos de alienação e de me sentir subjugado pela responsabilidade levaram a alguns impulsos de rebeldia juvenil. Segui várias vias para fugir ao meu «dom».

Começo a passar imenso tempo nos bosques. Encontro consolo na natureza e aprecio particularmente a ausência das pessoas. Com a ajuda do Espírito, aprendo a identificar diferentes espécies de aves durante o dia. À noite, ele ensina-me os nomes das estrelas – quer os que lhes atribuem os cientistas, quer os nomes que Deus lhes deu. Porém, não é totalmente uma fuga, porque o Espírito também me ensina a reconhecer as ervas e os alimentos que crescem em meu redor – o trevo-dos-prados, a tanchagem, o dente-de-leão, a raiz de bardana, os frutos e as pétalas da roseira selvagem, as maçãs silvestres, os frutos silvestres – e como usá-los para a cura.

Interesso-me igualmente por consertar carros. Gosto de arranjar objetos mecânicos porque eles não exigem o meu envolvimento emocional. Mesmo que não consiga consertar um velho *Chevy* com o motor avariado, nunca me sinto, nem de longe, tão mal como quando não consigo ajudar as pessoas cujo estado de doença está demasiado avançado para poderem ser curadas.

Contudo, este *hobby* também não corre como eu queria. As pessoas começam a reparar no que estou a fazer e vêm dizer: «Uau, isso é incrível! Pode arranjar o *meu* carro?» Não tenho

coragem para dizer que não – em especial, dado ser o Espírito a fazer a parte mais difícil, que é descobrir qual é o problema.

Um dia, quando tenho 15 anos, a minha mãe e eu paramos numa estação de serviço para pôr gasolina. Entro na garagem e deparo-me com um grupo de mecânicos a olhar para um automóvel como se estivessem a tentar resolver um *puzzle*.

– O que se passa? – pergunto.

Um dos homens responde:

– Andamos a trabalhar neste carro há semanas. Não encontramos nada. Contudo, não conseguimos pô-lo a trabalhar.

O Espírito comunica-me imediatamente a solução.

– Abram o feixe de cabos na parte de trás da *firewall* – afirmo, transmitindo a solução aos mecânicos. – No meio de dezenas de outros cabos, vão encontrar um branco que está partido. Conectem esse cabo e o carro irá andar normalmente.

– Isso é ridículo! – diz outro dos homens.

– Que mal tem verificar? – pergunta o primeiro. Então, eles vão ver. E, na verdade, lá está um cabo branco partido ao meio.

Ficam a olhar para mim de queixo caído.

– És o dono deste automóvel? – indaga o mecânico cético. – Ou és amigo dele?

– Não – respondo. – Só tenho jeito para estas coisas.

Num minuto, consertam o cabo e voltam a tentar pôr o carro a funcionar. E ele começa a andar na perfeição.

Um dos mecânicos começa a dançar por ali. Outro diz que é «um milagre».

A notícia espalha-se e, em breve, diversas garagens da minha cidade, e também de cidades vizinhas, usam-me como o sujeito a quem recorrem para resolver situações de veículos aparentemente impossíveis de arranjar. Quando eu apareço para ajudar num conserto, os mecânicos que me chamaram – sujeitos muito mais velhos, com anos de experiência – ficam sempre incrédulos. «O que faz aqui este miúdo de 15 anos?», indagam todos eles. Mas quando eu resolvo a situação, mudam de ideias.